

Opinião

(H)À EDUCAÇÃO

Idália Sá-Chaves*
idalia@ua.pt



Sapiens?

Na teia de paradoxos que marcam as sociedades contemporâneas talvez o mais premente e desafiante seja este profundo desencontro entre visões de mundo e perspectivas de desenvolvimento humano que dividem e opõem pessoas, instituições, comunidades, culturas e modelos civilizacionais. Recolhidas e aprisionadas nos seus sentidos particulares, valores, identidades e vivências, é nesse isolamento que, pela ausência de alternativas, se vão tecendo distâncias, temores, desconfianças e conflitos. Perspectivas de matriz materialista e economicista centradas na exclusiva ideia de lucro e marcadas pela ausência de qualquer consideração ética, critério de justiça ou ideia de bem comum sobrepõem-se às visões de mundo, cujo designio se reconhece no desenvolvimento global e planetário, no equilíbrio relacional e na justiça social. Ou seja, assentes na formação e na dignificação da própria condição humana e na salvaguarda dos direitos e dos deveres universais de cada cidadão.

É neste contexto e neste desencontro que enraízam (1) um absoluto fascínio e sedução pela extraordinária explosão do conhecimento e pelo desenvolvimento de novos e surpreendentes milagres tecnológicos e, em simultâneo, (2) uma mais que difusa e diluída consciência das mais gritantes e desumanas desigualdades entre pessoas, sociedades, culturas e civilizações. Uma fratura. Um equívoco. Uma perda de sentido que é uma perda de humanidade. Nesta fratura, nesta apagada consciência ética e neste desrespeito pela dimensão humana de ser, conviver e estar se fundam as condições que dão corpo e atualidade aos grandes problemas e riscos maiores que assolam o planeta, os ecossistemas e a humanidade em si mesma. Entre este fascínio acrítico (ao qual parece corresponder uma nova cegueira) e este torpor da consciência social dormente cabe, ainda e sempre, à educação, nos seus compromissos com a cidadania planetária, com uma visão fraterna do mundo e com a lucidez, continuar a abrir e a redesenhar novas possibilidades e a responder à urgência. Ser sapiens.

Iluminando esta possibilidade, e em surpreendentes versos, Eliot¹ abre caminho a esta ação inteligente, sugerindo que, no processo que transforma informação em conhecimento, algo se perdeu.

“Where is the knowledge we have lost in information (?)”, questiona. “Where is the wisdom we have lost in knowledge (?)”, interroga também. O que havia então na informação que, no conhecimento, se perdeu e o que falta ainda

a este, e não obstante o fascínio que desperta, para ser sabedoria?

No processo de refundação do próprio conhecimento e de identificação dos saberes necessários a todos os cidadãos, Morin (2005) destaca a necessidade de ensinar a condição humana, religar conhecimentos e fazer da educação um combate pela lucidez.

É neste combate que destacaríamos para a educação dois designios de forte implicação curricular e impacto transformador. O primeiro, de matriz ontológica, consistiria em resgatar do esquecimento e da cegueira a Pessoa na sua essência e condição primeira e inalienável relativamente a tudo o que, depois, se é ou representa como função na teia social (aluno, professor, ...).

Reconhecendo a marca de humanidade que singulariza, distingue e determina os percursos, os caminhos e os enlases e fazendo dela a centralidade da ação educativa. Ou seja, o core curriculum de uma pedagogia de encontro. O segundo, refundando as abordagens metodológicas, acrescentar aos processos de construção (pessoal e coletiva) de conhecimento a inadiável discussão crítica e ética sobre o uso social que dele se faz. Como sua parte integrante. Religando saberes e reinterpretando relações, conceitos, tempos, territórios e finalidades. Uma ponte na fratura. Difícil? Sim, mas viável e possível como sempre são as utopias sábias e generosas.

* Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro

¹ Eliot, T.S. “The rock”, Selected Poems, London: Faber and Faber, 1961.

Este artigo foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

”

(...) cabe, ainda e sempre, à educação (...) continuar a abrir e a redesenhar novas possibilidades e a responder à urgência. Ser sapiens

No processo de refundação do próprio conhecimento e de identificação dos saberes necessários a todos os cidadãos, Morin destaca a necessidade de ensinar a condição humana

MENÇÃO HONROSA

30 ANOS

XIV Bienal Internacional Cerâmica Artística Aveiro 2019

Etra Masi

- Tracks 1

A escultura foi cozida uma vez a 1260°C, sem vidrado. Porcelana. 43x44x14 cm
- Tracks 2

A escultura foi cozida uma vez a 1260°C, sem vidrado. Porcelana. 43x38x11 cm



Nasci em Nápoles. As milhares de estratificações históricas desta cidade são a causa do meu fascínio pela arte antiga com um toque oriental. Nos anos iniciais da minha educação, tomei consciência que a fusão de diferentes culturas gera “valor acrescentado”. Continuei os meus estudos em Bolonha, onde me licenciiei em Escultura pela Academia de Belas Artes, continuando a minha investigação nas “contaminações” e olhando de mais perto para a relação entre escultura e arquitetura. Ao chegar a Faenza, entro em contacto com a tradição cerâmica, aprofundando o meu conhecimento das técnicas do ofício.

A minha obra lida com a terra. A argila molda-se a cada toque, cede ao gesto e preserva a sua memória, um vestígio de presença. É precisamente esta a força da matéria que eu procuro recuperar nas minhas obras.

2018 Argillá Faience, Expositor

2018 Via Terra, Albissola Marina, exposição coletiva com curadoria de Ente Ceramica Faenza

2018 Feira de Arte de Vernice, Forlì, representada no espaço 4x4, com curadoria de Oscar Dominguez

2016 Argillá Faience, expositor

Museus de Aveiro

02 > 30 NOV

AVEIRO

CÂMARA MUNICIPAL